

O Valor Respeito, a Educação Infantil e o Desenvolvimento Moral: concepções dos professores

Priscila Caroline Miguel

Como citar: MIGUEL, Priscila Caroline. O Valor Respeito, a Educação Infantil e o Desenvolvimento Moral: concepções dos professores. *In*: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; MARTINS, Raul, Aragão (org.). **A formação ética, moral e em valores na pesquisa em educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 371-390. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p371-390>



O Valor Respeito, a Educação Infantil e o Desenvolvimento Moral: concepções dos professores¹

Priscila Caroline MIGUEL²

Introdução

Muito ainda se discute sobre a importância de se trabalhar o desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil, etapa da Educação Básica, que antecede os anos iniciais do Ensino Fundamental. Sem negar a importância do brincar, tão peculiar a essa fase, ainda nos deparamos com afirmações, tais como: “ela vai para o parquinho” ou então “lá eles só brincam”. Defendemos que elas realmente brincam e a importância desses momentos está prevista na Base Nacional Comum Curricular (2017), contudo, também aprendem muito e mais do que isso: nas interações com os pares, elas se desenvolvem moralmente, já que tais relações são permeadas pela moralidade.

Algumas pessoas julgam que a escola não deveria se preocupar com a educação social e moral, mas deveria centrar-se no ensino de temas

¹ O texto apresentado é parte da dissertação de Mestrado da autora, que se intitula “O desenvolvimento moral e o valor respeito: criação de uma sequência didática para o trabalho na Educação Infantil” (MIGUEL, 2021). A pesquisa teve o apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a qual reitero os mais sinceros votos de agradecimento.

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: priscilacarolinemiguel@gmail.com

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p371-390>

acadêmicos ou na promoção do desenvolvimento intelectual. O problema com essa visão é que a escola influencia o desenvolvimento social e moral quer pretenda fazer isso ou não. Os professores comunicam continuamente mensagens sociais e morais enquanto dissertam para as crianças sobre regras e comportamentos e enquanto administram sanções para o comportamento das crianças. Portanto, a escola ou a creche não são e não podem ser livres de valores ou neutros quanto a esses. Por bem ou por mal, os professores estão engajados na educação social e moral (DEVRIES; ZAN, 1998, p. 35).

Para os professores da Educação Infantil, faz-se necessário compreender o desenvolvimento cognitivo, social e motor, algo imprescindível para a sua prática pedagógica. Entretanto, nem sempre o professor tem formação adequada sobre o desenvolvimento moral de uma criança, ignorando que as inúmeras relações que ocorrem na escola são oportunidades para o início da formação moral dos educandos, junto ao trabalho da família, que é o primeiro tipo de socialização estruturada na qual o indivíduo está inserido.

Este capítulo trata da reflexão de alguns aspectos em relação ao desenvolvimento moral em Piaget, buscando relacioná-los com o valor respeito, considerando que o unilateral é a primeira forma de respeito e surge nas relações de coação social, em especial, as construídas entre a criança e seus pais ou com outros adultos significativos para ela. Por outro lado, o respeito mútuo surge da cooperação que implica na reciprocidade que obriga cada um a se colocar no lugar do outro.

O objeto do estudo envolve, então, a busca de entendimento das implicações decorrentes do desenvolvimento moral e, particularmente, do valor respeito, no processo de transformação das crianças, configurando um processo contínuo do conhecer e reconstruir, de modo a buscar elementos de ação, reflexão e prática para a transformação no contexto das

relações sociais. Sendo assim, temos aqui a relevância da pesquisa relatada, a qual pode contribuir para ampliar o debate sobre a temática. O tipo de estudo é de revisão de literatura e contou também com a aplicação de uma entrevista semiestruturada via *Google Forms*, devido ao período pandêmico.

Outrossim, almejamos a formação de um cidadão autônomo, reflexivo e comprometido com o bem comum e, desta forma, o texto está organizado em três seções. Na primeira seção, apresentamos os embasamentos teóricos que o fundamentaram, na segunda temos as opiniões coletadas dos professores da Educação Infantil bem como as análises que fizemos do ponto de vista da Epistemologia Genética e, na terceira e última seção, há a apresentação de algumas reflexões no que se refere aos apontamentos dos educadores desse nível de ensino, no desenvolvimento da moralidade infantil.

O Desenvolvimento Moral e o Valor Respeito Segundo Jean Piaget

Interessado na gênese da moralidade, Piaget escreve *O juízo moral na criança* (Piaget, 1932/1994), obra seminal no campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, na qual propôs um estudo sobre a possibilidade de construção da autonomia e retrata a lei moral construída de forma gradativa, tendo como necessidade o desenvolvimento cognitivo, ainda que este não seja condição de suficiência.

A referida obra está dividida em quatro partes: a primeira parte trata do tema regras, estudando as respostas dos meninos num jogo de bolinhas de gude, com regras bem estabelecidas e o pique/amarelinha das meninas; a segunda parte trata do tema do realismo moral e sua relação com a coação adulta; a terceira parte trata de temas como justiça e cooperação e na quarta parte há a discussão de outras teses sobre a

moralidade (MENIN; BATAGLIA, 2017). Usaremos como definição de moral a de Jean Piaget (1932/1994, p. 23), que diz: “[...] toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”.

Fazemos a ressalva de que o autor adverte logo no início que está se propondo investigar a consciência moral no que diz respeito ao juízo e não aos comportamentos ou sentimentos morais. Assim sendo, a referida obra pode ser entendida como uma tentativa de expor suas ideias sobre a moral a partir de uma verificação empírica; mediante observações, entrevistas clínicas e até mesmo jogando com as crianças, Piaget notou que existem mudanças na forma como as crianças pensam e praticam as regras do jogo.

A primeira ideia que Piaget nos apresenta pode hoje parecer banal, mas era totalmente nova no início do século passado: há um desenvolvimento do juízo moral infantil. Antes pensava-se (e alguns ainda o pensam) que a moral era fruto de uma aprendizagem, esta entendida como mera interiorização dos valores da sociedade e memorização de suas regras (lembramos das abordagens de Durkheim e Freud). Assim haveria, na trajetória moral da criança, apenas dois momentos: aquele no qual ela ainda nada sabe da moral vigente, e em seguida, aquele no qual a aprendizagem já ocorreu (LA TAILLE, 2006, p. 96).

Entretanto, o que Piaget comprova, em suas pesquisas, é que a moralidade infantil não se resume a uma interiorização passiva dos valores, princípios e regras, já que ela é o produto de construções endógenas, isto é, o produto de uma atividade da criança que, em contato com o meio social, é capaz de ressignificar os valores, os princípios e as regras que lhe apresentam. Tal ressignificação, é claro, possui características que dependem das estruturas mentais já construídas. Para Piaget, na história

moral da criança não haverá apenas dois momentos caracterizados pela ausência ou presença da moral, mas sim momentos diferentes no modo como a criança assimila as regras morais (LA TAILLE, 2006; PIAGET, 1932/1994).

De acordo com Piaget (1932/1994), o desenvolvimento moral pode adotar as seguintes tendências: depois de uma fase pré-moral ou anomia, é possível que o sujeito desenvolva uma consciência heterônoma e depois disso, uma consciência autônoma. Na heteronomia, a criança baseia seus juízos em um respeito unilateral e os adultos são vistos como autoridade e fonte de regras e proibições. Aqui, as origens da moralidade estão no respeito que é dirigido aos adultos, levando a uma moral da obediência, de adesão a regras fixas e determinadas por outrem. Já, na autonomia, as relações antes unilaterais são transformadas em respeito mútuo, baseando-se na reciprocidade e justiça. Enfim, as mudanças no nível cognitivo da criança, desde o egocentrismo até o perspectivismo, junto com a alteração das relações sociais, da coação à cooperação, culminam na base para explicar a transposição dos juízos morais heterônomos aos autônomos.

De acordo com Freitas (2003), a moralidade fundamenta-se na autonomia do sujeito, isto é, cada um está sujeito a uma lei, válida para todo ser racional, e que, ao mesmo tempo, esta é admitida como sua própria lei (princípio da autonomia). Sendo assim, a moralidade distingue-se da religião e do direito, cujas regras são externas aos sujeitos aos quais elas se aplicam (princípio da heteronomia).

Freitas (2002) retrata ainda que mesmo antes da obra *O juízo moral na criança*, Piaget defendia a existência de um paralelismo entre a lógica e a moral no ser humano. Ele traçou um paralelo entre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento da afetividade e na referida obra temos a ideia de que as relações afetivas que se estabelecem entre os seres humanos

estão na origem da ação moral. Podemos ressaltar que cognição e afetividade, são aspectos distintos, porém indissociáveis no sujeito.

Segundo Vinha (2009), a grande contribuição de Piaget com suas pesquisas foi que assim como o desenvolvimento da inteligência, o desenvolvimento moral é também um processo de construção interior, ou seja, o conhecimento não é adquirido por absorção ou acumulação de informações provenientes do mundo exterior, mas sim por um processo de construção, o que denota a ideia de que ninguém nasce pronto. A autora enfatiza que para Piaget:

[...] as regras externas tornam-se próprias da criança somente se ela as constrói por sua livre vontade. Não adianta tentarmos ensinar a moralidade, pois ela é construída a partir da interação do sujeito com o meio em que vive. É constituída por experiências com as pessoas e situações. Os traços da personalidade não podem ser ensinados diretamente. Em concordância com esse processo de construção, Ginnott (1974) afirma que ninguém pode ensinar honestidade em palestras, lealdade com histórias, coragem por analogia ou maturidade pelo correio. Para ela, a educação do caráter demanda presença que demonstre, o contato que comunique. Assim sendo, não adianta tentarmos ensinar os valores simplesmente com lições de moral, sermões, ditados populares, censuras, e outros, como comumente acredita-se. Uma criança aprende o que vive e se torna o que experimenta (VINHA, 2009, p. 40).

De forma sucinta, podemos dizer que é somente a partir da troca do sujeito com o meio no qual está inserido, que ele vai, de forma gradativa, construindo os seus valores morais. Portanto, não há uma internalização passiva dos valores, como acreditam os empiristas, ao afirmar que a autonomia moral é produto da interiorização de regras, normas e valores

exteriores: para os piagetianos, o indivíduo é ativo na construção de seu conhecimento, como já vimos anteriormente.

Vinha (2009, p. 41) assim resume: “[...] não é somente o sujeito, nem simplesmente o ambiente: são os dois fatores que atuarão nesse processo”. Diante desse processo ativo de interação, os fatores mais importantes que promovem o desenvolvimento moral são os tipos de experiências de cada indivíduo, em concreto e a atmosfera moral de seu círculo familiar, escolar e social. Sendo assim, a moralidade é o resultado das relações estabelecidas pelo sujeito com esses ambientes, aliás, ambientes estes que não são inócuos e os sujeitos, muito menos, passivos.

Concepções dos Professores e Professoras da Educação Infantil

Com o objetivo de compreender como os professores concebem o desenvolvimento moral e o valor respeito no que se refere às suas práticas pedagógicas, participaram do contato via *Google Forms* dez professores da Educação Infantil, sendo nove do gênero feminino e um do gênero masculino. O tempo de atuação nessa etapa da Educação Básica varia de dois a vinte e cinco anos e a faixa etária dos sujeitos variam de quarenta a cinquenta e nove anos. Nove dos educadores possuem formação em Pedagogia e um em Educação Física. Eles atuam em escolas públicas municipais situadas no interior paulista e na região metropolitana da cidade de São Paulo.

As perguntas versaram sobre os seguintes tópicos: qual o entendimento por Educação Moral, se é papel da escola educar moralmente, o que é o respeito na concepção deles, se é papel da escola desenvolver as noções de respeito junto às crianças, se é possível trabalhar o respeito na Educação Infantil e como deve ser esse trabalho, além das dificuldades que eles identificam para fazer o trabalho com o valor respeito.

Os formulários foram encaminhados aos professores por meio eletrônico e a fidelidade à fala do entrevistado foi levada em consideração. Para assegurar o anonimato dos entrevistados, usaremos números, como por exemplo: “professor 1”, “professor 2” e assim sucessivamente. Foram adotados todos os cuidados e procedimentos éticos necessários para a pesquisa com seres humanos, inclusive a submissão ao Comitê de Ética, conforme a legislação que vigora em nosso país. Fizemos as categorizações e análises de acordo com a ordem das perguntas enviadas nos formulários.

Entendimento dos professores e professoras sobre educação moral

Ao perguntarmos o que eles entendem por Educação Moral, destacamos, como exemplo, duas respostas:

A educação moral envolve o aprender e o ensinar valores morais como ações que promovem a humanização do homem, tanto no sentido moral como no sentido ético. (Professor 4).³

Vejo como o ensino de valores e princípios que consideramos importantes para uma boa convivência em sociedade. (Professor 6)

A análise das respostas revela que os professores associam a educação moral a valores que, segundo eles, promovem a humanização do sujeito e o advento de regras que regulam o comportamento humano, considerando o grupo e a sociedade. Um dos entrevistados acredita que a

³ Embora esta citação e algumas das citações seguintes não ultrapassem mais de três linhas e, por isso, não devam estar em recuo, a autora optou por essa disposição no texto, em justificável exceção (e a única neste livro quanto às normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – que se segue criteriosamente), para melhor visualização dos fragmentos das “vozes” de seus interlocutores na pesquisa que o capítulo retrata. (NOTA DOS ORGANIZADORES).

educação moral é fundamentada nos valores que a sociedade acredita ser o ideal para uma boa convivência (Professor 5).

Ressaltamos que do ponto de vista da teoria construtivista, os valores morais não são ensinados por transmissão verbal, mas construídos ativamente no decurso da infância e da adolescência. Piaget (1930/1996) sustenta a tese de que são as relações constituídas entre a criança e o adulto ou entre ela e seus pares que a levarão a uma tomada de consciência do dever e a colocar acima de seu eu essa realidade normativa na qual a moral consiste. Não existe, então, moral sem sua educação moral, “educação” esta que se sobrepõe à constituição inata do indivíduo. Para o autor, o fim da educação moral é o de constituir indivíduos autônomos aptos à cooperação.

Em relação aos procedimentos de educação moral, Piaget (1930/1996) diz haver dois modelos: os procedimentos verbais e os métodos ativos. Pelo primeiro, o autor entende que: “Do mesmo modo que a escola em geral há séculos pensa ser suficiente falar à criança para instruí-la e formar seu pensamento, os moralistas contam com o discurso para educar a consciência” (p. 15). Por quase sempre, os procedimentos verbais ou as “lições de moral” são impostas pelos educadores através da coação e do respeito unilateral. Lepre (2006, p.4) afirma que: “a criança por não viver ou se envolver na situação exposta não compreende o seu significado, mas finge aceitá-la pelo medo da punição ou perda do afeto”.

O procedimento moral mais efetivo para a educação moral é o ativo, que permite com que a criança participe de experiências morais no ambiente escolar. Para tanto, é preciso que a cooperação, a democracia, o respeito mútuo sejam vivenciados, a fim da construção paulatina da autonomia.

Enfim, a educação moral, para Piaget (1930/1996), não deve se constituir em uma matéria especial de ensino, mas sim um aspecto

particular da totalidade do sistema, o que significa que as crianças e os jovens não terão “aulas” de educação moral, mas sim vivências de relações morais em todos os aspectos e ambientes da escola. Sendo assim, os trabalhos em equipe facilitam a construção da autonomia (que não deve ser confundida com independência), “pois, as crianças, ao trabalharem juntas, podem trocar pontos de vista, discutir, ganhar em algumas ideias e perder em outras, enfim, podem exercer a democracia” (LEPRE, 2006, p. 4).

Por certo, a questão do desenvolvimento moral e do valor respeito envolve o senso de justiça, o qual se configura como um regramento para equilíbrio das relações sociais com vista à harmonização no convívio social. De fato, o senso de justiça não depende somente das relações com os adultos apenas, de modo a requerer para o seu desenvolvimento basicamente o respeito mútuo e a solidariedade.

Concepções dos professores sobre se é ou não papel da escola educar moralmente

Em relação a ser ou não papel da escola educar moralmente, nove dos contactados acreditam que sim, tendo um entrevistado citado que esse papel é em primeiro lugar da família, sendo a escola secundária nesse aspecto. Vejamos alguns exemplos:

Sim, pois a moral se desenvolve por meio das relações. (Professor 2).

A escola deve apenas auxiliar nessa educação. Espera-se que a família seja a primeira a dar essa educação. (Professor 6).

Acredito que a educação moral começa no seio familiar, mas a escola tem um papel de suma importância no intuito de promover e valorizar esses conceitos morais. (Professor 7).

Acreditamos que tanto a escola bem como a família são importantes nesse processo de se educar moralmente, embora a família seja sim a primeira instituição social na qual a criança está inserida. Vale ressaltar que é na Educação Infantil, compreendida como instância de ação para a formação humana iniciada desde o nascituro, que a criança é envolvida na dinâmica das relações sociais que se desenvolvem fora da família e mais uma vez, reiteramos que essas interações são fundamentais para o desenvolvimento da moralidade.

De acordo com Barrios, Marinho-Araújo e Branco (2011), dependendo do ambiente sociomoral, a criança aprende que o mundo das pessoas pode ser coercitivo e ou cooperativo, individualista ou solidário, sendo a relação adulto-criança fundamental nesse processo, “uma vez que é o adulto quem tem a possibilidade de mediar o ambiente sociomoral, organizando as atividades e relacionando-se com as crianças de modo predominantemente autoritário ou democrático” (p. 96).

Por conseguinte, o desenvolvimento moral se constitui por formas progressivamente elaboradas e racionais, de modo a fomentar as ações, justificando as decisões e buscando solução para os conflitos e dilemas morais. Sendo assim, a discussão sobre os conflitos de valores constitui uma etapa na qual o diálogo objetiva chegar em um acordo universal, com nível de generalização e maior consenso possível, tendo-se por base o referencial teórico piagetiano e contribuições de colaboradores. Isso envolve as percepções e as representações apropriadas pelos sujeitos sobre o valor respeito, com implicações muito sérias para a educação e, por

extensão, para a vida social como um todo. É o que discutiremos na sequência.

Conceituações do valor respeito segundo os professores e professoras

Parece relevante lembrar que o referencial piagetiano busca a promoção da superação de concepções estáticas acerca do desenvolvimento moral, dirigindo a atenção para as influências genéticas e afirmando a dinâmica da construção do processo cognitivo.

Constatam-se, então, estudos evidenciando que os valores são influenciados, mas não se orientam exclusivamente pela justiça, fazendo-se presentes principalmente nas pessoas e sociedades organizadas e orientadas pelas relações de coletividade e afetividade interpessoal do que por ações no mundo movidas pelo espírito competitivo e individualista.

Nessa forma de compreender o problema em questão, é fundamental a análise referente a alguns recortes sobre o que os entrevistados entendem pelo valor respeito, destacando-se alguns exemplos:

É um dos valores fundamentais para vivermos em sociedade. É saber ver que determinada atitude pode prejudicar o outro. (Professor 4).

O respeito é um valor que faz com que alguém evite agir de maneira perigosa, mesquinha ou condenável contra outro indivíduo, considerando as diferenças entre todo ser humano, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo e cultura. (Professor 6).

É a forma como tratamos o outro. São através de atitudes que demonstramos respeito a alguém, que o consideramos com suas características únicas e peculiares. (Professor 8).

Antes de adentrarmos no entendimento do valor respeito, faz-se necessário abordarmos o que chamamos de valor. Para Marques, Tavares e Menin (2019) a palavra *valor* exprime a ideia daquilo que vale alguma qualidade atribuída por alguém a algo. Ele não existe como coisa concreta, mas sempre como resultado das interações das pessoas com as coisas, os atos e os fenômenos que são avaliados de diferentes formas; são também as razões que justificam ou motivam nossas ações, tornando-as preferíveis a outras. Os autores ressaltam também que há componentes afetivos e cognitivos no ato de atribuir valores, isto é, o valor deve ser compreendido também como um investimento afetivo.

Os valores morais se referem àqueles que qualificam o bem ou o mal nas ações humanas e regulam os costumes das pessoas num determinado grupo, cultura, etnia. Eles dizem às pessoas como devem viver. A palavra latina *mor*, ou *mores*, no plural, refere-se ao conjunto de normas, princípios, leis, costumes. Para Cortina (2005), valores se constituem como parte inevitável da vida humana: impossível imaginar uma vida sem eles. Assim são também os valores morais: ninguém consegue se situar além do bem e do mal, pois “todos somos inevitavelmente morais. Toda pessoa humana é inevitavelmente moral”. (MARQUES; TAVARES; MENIN, 2019, p. 22, grifos das autoras).

Para Tognetta, Martinez e Daud (2017), o respeito é de fato um sentimento moral, porque aponta o quanto o dever está legitimado pela pessoa que sente e não seria apenas a razão quem aprova ou não uma ação enquanto moral, mas também o que sentimos deve ser considerado e sendo assim, não bater no outro, por exemplo, não é apenas pela consciência da regra, mas também por sentir que o bem a si é tão importante que se desejará o mesmo ao outro, ou seja, por se comover com a dor do outro

que não o desprezo, essa seria uma capacidade anterior até a própria reciprocidade.

O respeito é então um valor capaz de nos tornar cada vez mais evoluídos e Freitas (2003) salienta que Piaget o entende como um sentimento essencialmente pessoal e que se constitui em função das trocas que a criança estabelece com o meio social, sendo o amor e o temor, sentimentos que compõem tanto o respeito unilateral bem como o respeito mútuo. Porém, vale lembrar que o respeito mútuo não deriva do respeito unilateral, mas sim da relação estabelecida entre iguais.

Observações sobre se é papel da escola desenvolver a noção de respeito junto às crianças

Todos os professores e professoras contatados, entendem que é sim papel da escola desenvolver a noção de respeito junto às crianças. Tomemos como exemplos as seguintes respostas:

É papel da escola contribuir para o desenvolvimento da noção de respeito junto às crianças. Ao propor situações em que esse valor seja valorizado e visto como essencial a promoção da integração das crianças ao ambiente escolar. (Professor 5).

O respeito deve estar integrado com as práticas escolares, dessa forma se tornará natural para a criança praticá-lo também em qualquer ambiente e em qualquer situação. (Professor 9).

Como já vimos anteriormente, quer queira ou não, a escola influencia no desenvolvimento da moralidade e dos valores das crianças. O que é preciso atentar é se está educando para a heteronomia ou para a autonomia.

Apontamentos sobre as dificuldades dos professores e professoras em relação ao trabalho com o valor respeito na Educação Infantil

Nessa categoria, destacamos os principais empecilhos relatados pelos professores no tocante as suas dificuldades ao trabalhar com o valor respeito na Educação Infantil:

O egocentrismo. (Professor 1).

Acredito que a falta de formação. (Professor 4).

Em se tratando da Educação Infantil, etapa educacional que compreende as crianças de zero a cinco anos, o egocentrismo pode ser realmente uma dificuldade marcante quando há o ensejo de se abordar o valor respeito, pois para o trabalho é fundamental o fortalecimento da descentração, que implica na superação desse egocentrismo e o encaminhamento da perspectiva reversível na tomada de decisões.

Dizer que um sujeito (seja ele criança, ou adulto) é ‘egocêntrico’, na perspectiva piagetiana, é o mesmo que dizer que o mesmo sujeito *não consegue operar* (no âmbito cognitivo) – sendo que se entende como ‘operação’ o conjunto de ações internalizadas e reversíveis, inseridas e coordenadas em um sistema de relações -, e, conseqüentemente, *cooperar* – ou seja, *operar com o outro* (no âmbito social). Desta forma, a manifestação desse egocentrismo se dá tanto no âmbito cognitivo quanto social, sendo o segundo um prolongamento (ou reflexo) do primeiro (SASSO; MORAIS, 2013, p. 46, grifos das autoras).

Entendemos então, por descentração a superação desse egocentrismo que possibilita a tomada de consciência de si; graças ao

processo de socialização que implica em tal superação ao passo que as ações se coordenam dialeticamente, já que vão ao mesmo tempo sendo transformadas em operações de reversibilidade e reciprocidade interindividual que constitui a cooperação, processos estes que culminam na descentração e, conseqüentemente, na superação do egocentrismo (SASSO; MORAIS, 2013).

No que se refere a falta de formação, devemos levar em conta a relevância de se ter nos currículos dos cursos de Pedagogia, disciplinas que abordem o desenvolvimento moral, pois percebemos nos contatos com os professores a necessidade de se ter uma formação inicial na área, além da formação continuada quando o pedagogo já está atuando.

Considerações Finais

Para que uma escola promova de fato o desenvolvimento da moralidade autônoma, é preciso que os professores e professoras propiciem aos educandos oportunidades que visem o diálogo, a reflexão, a cooperação, a empatia e o respeito mútuo. Afinal, a escola sempre educa moralmente, seja para a heteronomia, seja para a autonomia. Urge a necessidade de que deixemos de pensar que a escola é apenas um espaço para a transmissão de conhecimento pela cultura, modelo tradicional e retrógrado. Muitas vezes, na Educação Infantil, existe a cobrança por parte dos gestores e também da família de priorizar ações relacionadas à leitura e a escrita, o que, de certa forma, pode inviabilizar o desenvolvimento moral e integral da criança.

Mesmo reconhecendo a importância da escola desenvolver um trabalho com valores sociomoraes, percebemos que os professores tendem a se esquivar disso, justificando que o papel da escola é apenas manter ou complementar a ação da família no que se refere ao desenvolvimento da

moralidade, esquecendo-se ou até mesmo desconhecendo que os conflitos entre os alunos acontecem, por exemplo, e os professores precisam intervir, o que acabam por inserir questões de cunho moral nessas situações.

A escola pode e deve ser encarada como um espaço privilegiado, no que se refere à transição da moralidade heterônoma para a autônoma, mas o que vemos na realidade são ações que, infelizmente, provocam a manutenção da heteronomia, por impor aos alunos a obediência e o dever. Por fim, não é nossa intenção culpabilizar o modelo que está posto, pois como vimos em contato com os professores e professoras, eles até possuem a vontade de repensarem a sua prática, mas falta-lhes formação inicial e continuada para tanto. Talvez o primeiro passo seja conscientizá-los de que, quer queira ou não, eles desempenham papel importante na formação moral daqueles que estão sob suas responsabilidades.

Referências

BARRIOS, A.; MARINHO-ARAÚJO, C. M.; BRANCO, A. U. Formação continuada do professor: desenvolvendo competências para a promoção do desenvolvimento moral. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 15, n.1, p. 91-99, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**: o ambiente sócio-moral na escola. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREITAS, L. B. de L. Piaget e a consciência moral: um kantismo evolutivo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 2, p. 303-308, 2002.

FREITAS, L. B. de L. **A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado**. São Paulo: Cortez, 2003.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEPRE, R. M. Educação Moral na escola: caminhos para a construção da autonomia. **Colloquium Humanarum.**, v. 3, n. 1, p. 01-14, 2006.
Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/207>.
Acesso em: 16 set. 2021.

MARQUES, C. de A. E.; TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. de S. **Valores sociomoraís**. Americana: Adonis, 2019.

MENIN, M. S. S.; BATAGLIA, P. U. R. **Uma balança para as virtudes: o valor da justiça**. Americana: Adonis, 2017.

MIGUEL, P. C. **O desenvolvimento moral e o valor respeito: criação de uma sequência didática para o trabalho na Educação Infantil**. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1932/1994.

PIAGET, J. Os procedimentos de educação moral. *In*: MACEDO, L. de (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. Trad; Maria Suzana de Stefano Menin. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1930 [1996]. p. 1-36.

SASSO, B. A.; MORAIS, A. de. O Egocentrismo Infantil na perspectiva de Piaget e representações de professoras. **Revista Schème**, Marília, v.5, n.2, p. 24-51, 2013.

TOGNETTA, L. R.; MARTINEZ, J. M.A; DAUD, R. P. **Respeito é bom e eu gosto!** O valor do respeito. Americana, SP: Adonis, 2017.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil:** uma visão construtivista. 4. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

